

A OBRA DE ARTE COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E EMANCIPAÇÃO DO ALUNO

Autor: Valmir da Silva
Acadêmico curso Pedagogia da UFSM/RS

Co-autor: Elvio de Carvalho
Formado em Filosofia pela UFSM/RS

Orientador: Amarildo Luiz Trevisan
Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM/RS

Resumo

Com este trabalho de pesquisa estamos ampliando os estudos sobre o uso da obra de arte como elemento na formação continuada de professores. Criando no espaço escolar, a perspectiva de uma cultura voltada para os significados da Arte na Educação e na formação da criança e do jovem, possibilitando assim, o desenvolvimento da sensibilidade pelo gosto estético e ético do aluno. Nesse sentido, a Pedagogia como arte de instruir e educar, poderá ser o veículo de mediação e sistematização do processo educativo. Através da Arte a escola juntamente com o professor poderá construir e reconstruir no processo educacional uma expectativa formativa do cidadão auto-crítico, reflexivo e sadio. Tornando-se assim, agente ativo na construção de novos conhecimentos formando sua própria identidade, frente ao mundo e as coisas que o rodeia. Utilizando-se das teorias e dos enfoques metodológicos de autores como Adorno (1995), Barbosa (2005), Peregrino (1995) e Porcher (1982), buscamos reconstruir o universo educativo da Arte enquanto produtora de cultura e saber num olhar reflexivo formador da autenticidade, do entendimento filosófico e educacional. Nesse sentido, acreditamos na força inovadora da interpretação de conceito e valores éticos e estéticos, possibilitando uma ação pedagógica que vise à transformação social educativa dentro de uma perspectiva formativa e emancipatória tanto do professor quanto do aluno.

Palavras chave: Arte, Educação e Formação

Abstract

This research study amplifies studies about the use of the work of art as an element in the continuous education of teachers, creating in the scholar space, the perspective of a culture with views to the meanings of Arts in Education and in the formation of infants and juveniles, making possible the development of sensibility for the esthetic and ethic taste of pupils. In this sense, Pedagogy as an art of instructing and educating can be a vehicle of mediation and systematization of the educational process. Through Art, the school, together with teachers, can construct and reconstruct a formative expectation of the self-critic, reflexive and healthy citizens. In this way, students will become active agents in the construction of new knowledge and will form their own identity in face of the world and everything that surrounds them. Using theories and methodologies from authors such as Adorno (1995), Barbosa (2005), Peregrino (1995) and Porcher (1982), we try to reconstruct the educational universe of Arts as producer of culture and knowledge in a reflexive view which forms authenticity, and philosophical educational understanding. In this sense, we believe in the innovating power of interpretation of concepts and ethic and esthetic values, making possible a pedagogical action that aims at a social educational transformation, within a formative and emancipatory perspective as much for teachers as for students.

Keywords: Arts, Education and formation.

A obra de Arte como Objeto de Estudos na Educação

No decorrer da pesquisa junto a comunidade escolar, percebemos que a discussão sobre o ensino de Artes nas escolas, ainda encontra muitas controvérsias e resistências, mas em um ponto há consenso: somente a reprodução, em sala de aula, de conceitos sobre Arte, assim como a reprodução da própria obra de Arte, não é suficiente para uma boa formação pelo gosto estético dos alunos. Por essa razão, quase todas as discussões e avaliações na Educação Artística devem incluir de uma contextualização histórica a uma contextualização cotidiana da vida de cada educando, para que ele possa fazer uma reflexão crítica dando a obra novos significados. A leitura da obra de Arte está cada vez mais ganhando espaço nas discussões sobre a importância dela como conteúdo escolar. Nesta perspectiva o professor não deverá fazer uso somente das metodologias conceituais de leitura e interpretação da obra de Arte, mas, desenvolver estratégias de reflexão e interpretação, possibilitando ao educando, agir com autonomia em relação a obra.

Como educadores acreditamos que, para a Arte ser usada como instrumento pedagógico na educação, é necessário o desenvolvimento de esquemas perceptivos que começam com a familiarização da mesma. Isso só se torna possível com o contato direto e quase que permanente com a Arte. Segundo Porcher, a maioria das crianças, principalmente as das classes menos favorecidas não tem acesso a exposições ou museus, pois, a própria cultura familiar, não lhes permitem esse acesso. Diante desse quadro lamentável, é dever do professor juntamente com a escola, preencher esta lacuna, uma vez que considera-se a escola berço da organização cultural e social. O professor juntamente com a escola, além de provocar esta familiarização, deve buscar outras estratégias para o desenvolvimento da apreensão estética, que nunca é imediata. Essa familiarização com a Arte deve, na verdade, iniciar-se muito cedo, ainda na infância, como nos mostra o autor.

É possível imaginar processos de formação acelerada em muitos domínios do conhecimento. No que desrespeito a formação da sensibilidade é à disponibilidade emocional, não pode haver atalhos: é preciso que aja tempo de maturação, que dura na verdade toda a infância, toda a adolescência, e, às vezes a vida inteira. Eis por que a escola tem, neste campo mais ainda do que em outros, uma

responsabilidade esmagadora. Em matéria de sensibilidade não existe formação de adultos, recuperação ou reciclagem com que se possa contar. Se a escola não empreender desde os primeiros anos de escolaridade o trabalho de sensibilização estética que é necessário, inclusive de apresentação sistemática de obras de artes. Aqueles que não puderam se beneficiar de um ambiente familiar favorável, jamais sairão do analfabetismo sensorial e do consumo embotado. (PORCHER, 1982, p. 46)

A partir destes conceitos de Porcher, que na verdade não deixa de ser um alerta para o negligenciamento com a democratização da cultura artística no âmbito escolar. Trabalhar com programas de alto nível e competência didática visando o desenvolvimento das habilidades requeridas para a compreensão e análise da Arte é um compromisso da escola e dever do educador. Despertando com isso, a sensibilidade e o gosto estético da criança e do jovem. Mas antes de tudo, o educador deve refletir sobre suas práticas e ao mesmo tempo dar continuidade a sua própria formação.

Outro problema observado em nossa pesquisa junto a comunidade escolar, é com a justificativa de muitos educadores para a não implantação de projetos que possam trabalhar as diferentes expressões da Arte em escolas, principalmente públicas. O desinteresse e apatia por parte da maioria dos alunos. Mas, é compreensível que não nos interessamos por aquilo que não compreendemos. E isso deve ser levado em conta quando falamos em acesso a bens artísticos. Peregrino reforça esta teoria quando diz:

Se o interesse depende da capacidade de compreensão, a distância que a maioria do povo brasileiro mantém das formas de arte, principalmente daquelas ditas eruditas, é gerada pela falta de referências adequadas, que permitam aprender as linguagens artísticas como significativas. A capacidade de compreender a arte não se deve a um dom nato ou algo assim, deve-se, sim, a certas formas de perceber, de pensar e mesmo de sentir que dependem da vivência, da experiência de contato com as obras de arte. Em outros termos, a capacidade de aprender as linguagens artísticas – o que podemos chamar de competência artística – depende da posse de esquemas de percepção, pensamento e apreciação que são gerados pela familiarização. (PEREGRINO, 1995, P. 19)

Nessa perspectiva, conduzir o aluno à compreensão da arte e desenvolver com ele a competência artística é função e responsabilidade da escola e do educador. Não podemos ignorar o potencial criativo e imaginativo da criança que acaba se esvaecendo pelos tortuosos caminhos de uma educação voltada para os bancos disciplinados.

(LIPMAN, 2001, p.18), diz que toda criança nasce criativa e imaginativa, depois que entra para a escola no máximo até a quarta série perde estas características. Onde está o problema? Na criança, que deixa sua imaginação e criatividade para submeter-se às cobranças da família que para ser alguém na vida tem que estudar. O estudar na concepção da maioria das famílias é ler fluentemente, escrever sem erros ortográficos, somar, dividir e multiplicar, não que isso não seja importante, mas, e os jogos, as expressões, a dança, o conhecer o seu próprio corpo, a sensibilidade do olhar do toque, o teatro, a superação de preconceitos, vencendo limites e barreiras, coisas que tornam o sujeito mais humano, capaz de lidar com discernimento, segurança e tranquilidade as adversidades deste mundo impregnado de meias verdades e dominado por uma ciência instrumentalista que cada vez mais domina o mundo da vida. Ou será que a culpa é da escola que procura disfarçar o espaço destinado a disciplinas de Artes com reproduções, folhas mimeografadas, para dar tempo de cumprir os conteúdos estipulados, pelo sistema de educação vigente?

Acreditamos não ser esse o conceito de educação que a sociedade precisa. Segundo Severino, O testemunho da história da filosofia autoriza a afirmar que a educação foi primeiramente pensada como formação ética. E que de fato, o discurso filosófico da Antiguidade e da Medievalidade sempre concebeu a educação como proposta de transformação aprimoradora do sujeito humano. De imediato, essa proposta se radica na pressuposta universalidade da natureza humana, e a educação é vista como formação ética. Ainda que etimologicamente ética. Neste sentido, diz o autor, que na sociedade industrializada do capitalismo, a educação crítica do indivíduo, base de sua formação emancipatória, encontra-se travada, realizando-se apenas como adaptação, ou seja, como “semiformação” (ADORNO,

1995). A qualificação essencial da Educação emancipadora encontra-se na dissecação visceral do nexo entre dominação e racionalidade. A educação crítica só pode realizar-se como reconstrução crítica da racionalidade social, revelando a deformação que produz em face de sua reificação e conduzindo-a a uma clara exposição de suas contradições e, por essa via, apreendendo nela as possibilidades alternativas transformadoras da subjetividade.

Neste sentido, as possibilidades alternativas transformadoras da subjetividade podem estar nas teorias de (BARBOSA, 2005, p. 43), ela defende que podemos aprender a partir da arte, compreendendo-a dentro do contexto que foi produzida, pois ela já é em si mesma o testemunho da história, o objeto do passado está aqui, hoje, podendo se ter experiências diretas com a fonte de informação. Segundo ela, a arte não está separada da economia, da política e dos padrões sociais que operam na sociedade, presumindo, ela não deveria estar desvinculadas da importância das demais disciplinas do currículo escolar. O que há de estranho nisso? Para Barbosa, a Arte traz consigo idéias, emoções, linguagens diferentes de tempos lugares, não existindo porém, visão desinfluciada e isolada. Nesta perspectiva, ao compor uma obra de Arte o artista parece inculcar nela uma comunidade invisível em que se cristaliza esta substancia social.

Nesse sentido, cremos não ser possível o desenvolvimento de uma cultura sem o desenvolvimento de suas formas artísticas. Conforme Barbosa, não é possível uma educação intelectual, formal ou informal de elite ou popular, sem Arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a Arte. Se pretendermos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, é necessário desenvolver a capacidade criadora a fim de modificar esta ou aquela realidade.

Acreditamos que a escola pode ser a instituição pública principal em tornar o acesso à Arte possível para todos os estudantes em nossa sociedade. Isso não só é desejável, mas essencialmente civilizatório, porque a fruição da Arte é a principal

fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma sociedade. Sem o conhecimento da Arte e o seu papel histórico, político e social, não é possível à consciência de uma identidade social. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação ético e estético de todas as culturas, proporcionando uma aproximação multicultural de todos os códigos de diferentes grupos e raças. O que temos na verdade é um apartheid cultural cada vez mais pulsante no meio escolar, de onde deveria primar a ética e os bons valores morais.

Apoiando-se na obra de Barbosa, a qual nos dá subsídio para justificar a obra de Arte como instrumento de formação e auxílio ao professor e aluno na perspectiva de entender algo do lugar e tempo que a obra está situada. Reafirmamos que nenhuma forma de Arte existe no vácuo, parte do significado de seu contexto. E a estética, esclarece as bases teóricas para julgar a qualidade do que é visto, assim como a relação entre Arte e conhecimento.

(...) o desenvolvimento crítico para a arte é o núcleo fundamental para a capacidade crítica de desenvolver através do ato de ver, associado a princípios estéticos, éticos e históricos ao longo de quatro processos, distinguíveis, mas interligados: ver, descreve: observar analisar dar significado a obra, interpretar. (BARBOSA, 2005, p. 43).

Nesse sentido, deve-se buscar compreender o significado da obra, fazendo uma releitura das partes com o todo que envolve a obra de arte. A partir daí, contextualizá-la buscando o seu ponto de equilíbrio. Com isso, o sujeito poderá fazer uma análise do contexto com a obra e vice-versa. Para em seguida retornar a ela, identificando os princípios históricos éticos e estéticos. Isto é o que (HABERMAS, 1987a) chama de processo hermenéutico.

Considerações finais

A criança se depara com a necessidade de apreensão de significados e códigos desde o início da sua vida. Esta necessidade de apreensão se torna ainda mais urgente quando há o ingresso na escola. Assim, se o processo se intensifica

quando a criança aprende, entre outras coisas, a ler, a escrever, a adicionar e a subtrair, o interesse dela também se abre na escola ainda mais para as estruturas visuais da Arte, estruturas criadas com a intenção da comunicação de significados sobre a maneira pessoal do artista de encontrar sentido no mundo que o rodeia. Quanto mais cedo estimular na criança esta sensibilidade, maior será sua fruição a Arte no seu processo educativo.

A partir da compreensão que a arte é algo universal, e seu patrimônio cultural tem valor inestimável no processo educativo, podemos concluir que o refinamento pelo gosto estético passa ser uma necessidade fundamental. Sabendo-se disso, o professor juntamente com a escola deverá assumir seu papel mediador, criando perspectivas pedagógicas que venham a contribuir com o desenvolvimento dos horizontes cognitivos e da compreensão crítica da criança e do jovem. Neste sentido, a Arte pode contribuir na perspectiva de sensibilizar o olhar crítico frente às situações do mundo contemporâneo.

Mas, para que possamos engendrar uma nova perspectiva de formação e educação, a escola juntamente com os professores precisa compreender que Educação Artística, nos bancos escolares, não pode ser interpretada como Arte. É importante que se entenda que Arte vai além de meros desenhos e reproduções em sala de aula. Arte é o cinema, o teatro, a música, a dança, o jogo, a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, a instalação e muito mais. A criança e o jovem não se desenvolvem completamente como sujeitos só recebendo informações sobre Arte, eles precisam fazer Arte, não necessariamente para ser um artista, mas para a partir dela despertar para outras potencialidades, conhecendo o outro e a si mesmo.

Como educadores, acreditamos que a Arte seja algo como uma lente tridimensional, ela poderá proporcionar a cada leitor uma visão diferente das personagens ali envolvidas. É curioso, e ao mesmo tempo fantástico, imaginar uma sala de aula com vinte alunos observando, lendo ou assistindo uma obra de Arte. Serão infinitas as diferentes maneiras de interpretações de cada personagem, os traços, cheiros, gostos, sons e demais detalhes, terão características diferentes na visão de cada leitor. E cada um, vai resgatar do texto a sua própria história, suas

próprias emoções. Em um segundo momento, a leitura poderá tomar um rumo mais intenso quando cada sujeito expuser a sua opinião e idéias que vivenciou na obra. A partir daí novas formas e conceitos ficarão no ar, as personagens serão inegavelmente transfiguradas, juntamente com a emoção de cada leitor. Pode-se imaginar que a interpretação está além da imaginação, do tempo, do espaço, da realidade, da alma, de conceitos e padrões, mas ela, através do leitor irá transformar, dar vida, forma e espaço a obra de Arte. A interpretação vai envolver e despertar os mais profundos e imaginários sentimentos em cada indivíduo.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Editora , Paz e Terra, 1995. p. 151.

BARBOSA, Ana M. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2005. p. 152

HABERMAS, J. **Dialética e Hermenêutica**. Para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Trad. De Álvaro L.M. Valls. Porto Alegre: L&M, 1987^a.

PEREGRINO, Y. Rosas, Coord. **Da camiseta ao museu João Pessoa**: Editora Universitária, 1995. São Paulo.

PORCHER, Luis. **Educação Artística: Luxo ou Necessidade?** . São Paulo: Editora Summus, 1982. p.200.

LIPMAN, M. **A Filosofia em Sala de Aula**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2001. p.256.

VALMIR DA SILVA

Acadêmico do 8º semestre do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM/RS. Bolsista de iniciação científica PIBIC. Com o projeto “A Pedagogia e as Novas Perspectivas Culturais: Imagem e Opinião Pública” e integrante do GPFORMA – Grupo de Pesquisa Formação Cultural Hermenêutica e Educação – do Centro de Educação da UFSM.

ELVIO DE CARVALIO

Formado em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria UFSM/RS. E professor de Filosofia do Ensino Médio e participante do GPFORMA – Grupo de Pesquisa Formação Hermenêutica e Educação do Centro de Educação da UFSM. Pesquisador do projeto “Mundo da Vida e Racionalidade Docente: Perspectiva para o Processo Formativo do Professor no Mundo da Vida Estetizado”.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.